

O subterrâneo religioso da vida eclesial

Intuições a partir das ciências da religião

Oneide Bobsin

Introdução e nota metodológica

Uma preleção inaugural constitui-se num bom momento para reafirmar publicamente, embora de forma ainda bastante embrionária, o compromisso com um projeto de pesquisa que se orientará pela busca de conhecimento científico da realidade comunitária eclesial/religiosa da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) no contexto das religiões e das igrejas que disputam palmo a palmo as pessoas com convites, seduções e coerções, visando cada uma preservar o seu público, aumentá-lo ou formar novos rebanhos.

A execução de um projeto de pesquisa com esta perspectiva apresenta muitas dificuldades. No momento pretendo discorrer brevemente sobre uma delas. Trata-se das limitações da pesquisa de campo para quem exerce o duplo ofício de pastor e pesquisador, pois há uma identificação muito profunda com o objeto de pesquisa desde a minha infância. Agrega-se a esta limitação a compreensão de acordo com a qual o observador/pesquisador faz parte do objeto/sujeito pesquisado. Não há como fugir para um campo de objetividade absoluta como se estivéssemos num laboratório asséptico, protegidos dos vírus da subjetividade. Todo conhecimento tem um grau de subjetividade em razão de não haver possibilidade de fotografar a realidade e dizer que ela foi captada na sua dimensão profundamente natural. Assim, com a crítica do método funcionalista-positivista não se tem a pretensão da objetividade absoluta, como se a nossa compreensão da realidade fosse uma reduplicação dela. Temos que nos conformar com o fato de que só alcançamos a realidade enquanto uma determinada construção da mesma realizada em contextos específicos. A coisa não existe em si. E quando nos aproximamos dela, o fazemos tomando-a para nós, na perspectiva de uma representação. Desse relativismo parecem escapar apenas a fome e a cruz, se a perspectiva for teológica. No entanto, como se trata de uma análise sociológica, pode-se assumir a proposta da teoria do conhecimento de Maduro:

(...) construímos a realidade, sempre, em relação com aquilo que nos afeta, interessa, atrai ou nela intimida. Noutras palavras, a realidade que conhecemos é, sem dúvida,

em certo sentido, “objetividade” que existe independente de nós. Mas eu insinuaria que somente a conhecemos enquanto nos afeta e interessa: isto é, em certo sentido, enquanto começa a fazer parte de nossa “subjetividade”.¹

Nesta perspectiva metodológica, acrescida da consciência das limitações do desempenho de papéis — pastor e pesquisador — que se confundiram, pretendo realçar e, posteriormente, analisar as falas de pessoas evangélicas luteranas colhidas ao longo de uma década de trabalho pastoral numa Comunidade situada na Grande Porto Alegre. São depoimentos de membros de uma Comunidade que se pronunciaram diante do pastor sem revelar abertamente suas práticas religiosas heterodoxas, em especial em condições de luto ou de doença. Por não serem falas reconhecidas pela teologia institucional, coloquei-as sob os termos “subterrâneo religioso”.

E por que “intuições”? Por uma razão muito simples: diante de uma autoridade eclesiástica, as pessoas tendem a falar aquilo que passa pelo crivo dos papéis sociais desempenhados pelo clérigo e pelo leigo. Isto nos mostra que os membros da Comunidade, num primeiro momento, procuram reproduzir e confirmar o discurso do pastor ou da pastora. Por esta razão, ser pastor e pesquisador traz muitas dificuldades. Os dados estão marcados pela relação preestabelecida pelos papéis que cada um desempenha. Vendo, portanto, pelo lado do pesquisador que se orienta pelo método científico, posso assegurar que a relação oportunizada pelo exercício do aconselhamento pastoral permite alcançar níveis mais profundos dos dados, aos quais um cientista teria dificuldade de chegar.

A partir de uma profunda relação de confiança, construída pelo trabalho pastoral durante cinco anos, pude alcançar os níveis mais profundos das falas, das relações e do jogo de forças na Comunidade Evangélica Luterana. O trabalho pastoral baseado num relacionamento constante em momentos de dor e de alegria, nas horas de festa, de decisão e de confronto, permitiu romper as fronteiras determinadas pelos papéis de pastor e de leigo. Sem esta ruptura dos limites dos papéis seria impossível chegar ao subterrâneo religioso de famílias da Comunidade. E, com a ajuda das ciências da religião, que fazem olhar o mundo da outra pessoa e o seu discurso sem pré-juízos, foi-me possibilitado saber das práticas religiosas fora da Comunidade de fé, tanto de forma direta como de maneira indireta. Iludem-se aqueles e aquelas, clero e cientistas, que pensam que de uma entrevista sem este lastro chega-se a um mínimo de objetividade. Sem o lastro da confiança o pesquisador ou pastor escuta apenas aquilo que se passa na superfície da vida pessoal e social. Não podemos esquecer que um dito sempre é um desdito; que sob o discurso oficial, baseado em papéis e representações estereotipadas, há outra realidade, a qual tende a ser negada por algumas correntes teóricas de hoje. Não esqueçamos, pois, que há sempre um mundo paralelo que perpassa toda a nossa realidade social e pessoal. Nas empresas há o caixa dois, no casamento há, em muitos casos, a outra ou o outro, no mercado também se evidencia o lado paralelo, e a vida religiosa não é diferente de tudo isso. Falta transparência. E nas

igrejas, como no mundo da política e de outras instituições, a coisa não é tão diferente. Nos bastidores decide-se o fundamental, para em público se fazer a teatralização da democracia. Por que reclamar das práticas religiosas ambivalentes dos fiéis, se é praxe, em todas as instituições, quer religiosas, quer civis, a prática do exercício paralelo do poder? Enfim, quem não quer passar por ingênuo deve admitir falar numa relação de fidelidade principal; também na esfera religioso-eclesial.

Para alcançar esse mundo submerso da vida cotidiana lancei mão de uma técnica de pesquisa, por muitos altamente questionada, que se convencionou chamar de observação participante. Fiz isto como ato segundo, pois a participação foi possibilitada pelo trabalho pastoral, que estava em primeiro lugar. E a escuta, baseada numa relação permeada pelas coisas do coração, abriu-me muitas portas. Os dados vieram por este caminho, sendo depois submetidos a uma criteriosa análise científica. Otto Maduro, em sua obra dedicada à teoria do conhecimento, lembra um antigo provérbio latino: *primum vivere, deinde philosophari* (“primeiro viver, depois filosofar”)². A meu ver, a observação participante não contradiz o provérbio latino. E, para sustentar nossa posição metodológica, recorremos a Howard S. Becker, especialista em métodos de pesquisa em ciências sociais para caracterizar a observação participante.

O observador participante coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda. Ele observa as pessoas que está estudando para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas. Entabula conversação com alguns ou com todos os participantes desta situação e descobre as interpretações que elas têm sobre os acontecimentos que observou.³

1. Morte física e ritual-simbólica

Antes de prosseguir cabe uma breve justificativa da escolha da morte física e ritual-simbólica como ponto de referência para analisar o subterrâneo religioso da vida eclesial. A escolha deste ponto de referência se dá porque suspeito que as interpretações sobre a morte e o luto por parte da teologia oficial e da visão religiosa da Comunidade sejam distintas e distantes umas das outras, não obstante a legitimidade concedida pela Comunidade ao pastor que dirige os ritos. Fazendo um parêntese, diria que a minha idéia original não era falar sobre subterrâneos, mas trabalhar com a idéia de cisma consentido pela Igreja. Por quê? Porque parece haver, no fundamental, uma dissonância profunda entre leigos e clero, no que diz respeito à morte, à ressurreição e à imortalidade. Foi o apóstolo Paulo que afirmou que se Cristo não ressuscitou, vazia é nossa pregação, vazia também a vossa fé (1 Co 15.14).

Para que a exposição não venha a se tornar tão pesada como o luto, pretendo partir de uma breve análise de *Dona Flor e seus dois maridos*, romance de Jorge Amado. Mesmo que os personagens façam parte de uma obra literária, eles

refletem as categorias de construção de mundo do autor em seu contexto. Em outras palavras, tanto os personagens de uma obra literária quanto as marcas individuais do autor da mesma não estão descolados de uma visão de mundo ou da consciência coletiva. Ferrarotti, sociólogo italiano, fundamenta de forma muito explícita a possibilidade de se utilizar obras da literatura para alcançar níveis mais profundos da realidade, os quais o sociólogo tangencia levemente com suas técnicas de pesquisa. Segue-se sua avaliação:

Porque o poeta, o grande escritor, está ligado diretamente à consciência dos problemas, capta níveis mais profundos e menos transitórios, exprime tensões permanentes mais verdadeiras do que as informações de superfície, muitas vezes precisas e corretas mas não necessariamente relevantes, podendo fornecer estatísticas, correlações e análises sociológicas mesmo quando são exatas e diligentes. Estas últimas são instrumentalmente insuficientes e incapazes de atingir o âmago do problema. Limitam-se a delinear, muitas vezes de forma louvável, sua forma exterior, sua sombra.⁴

Com estas notas metodológicas introdutórias, sentimo-nos à vontade para incursionar pela trama dos personagens do romance de Jorge Amado, destacando seus personagens principais, sem que haja um compromisso de nossa parte com o mundo religioso espelhado em *Dona Flor e seus dois maridos*.

“Vadinho, o primeiro marido de dona Flor, morreu num domingo de carnaval, pela manhã, quando, fantasiado de baiana, sambava num bloco, na maior animação...”⁵. Assim Jorge Amado começa o seu romance, que tem como tema o triângulo amoroso no qual Dona Flor é colocada como mediadora ou mediatriz entre dois homens distintos e distantes.

Para a mãe de Dona Flor, que sempre fora contra o casamento, Vadinho não passava de um vagabundo, sem eira nem beira, viciado em trago, jogador inveterado, que nada valia. Também as beatas e amigas de Dona Flor partilhavam da mesma avaliação a respeito do falecido. De fato, Vadinho é apresentado como um vagabundo, amigo da noite, mulhereço, perdulário, mas também como um homem de bom trânsito no mundo da ordem. Sua condição de afilhado de Exu permitia-lhe abrir qualquer caminho fechado por alguém ou por uma força espiritual, pois esta “entidade” espiritual não corresponde ao diabo dos cristãos, mas sim ao deus da comunicação, das encruzilhadas.

Enquanto Vadinho gastava em jogatinas e em farras com mulheres o dinheiro que a esposa havia ganho através de sua escola de culinária, Flor o aguardava remoendo sua grande dor. Quando de sua volta, o malandro chegava de manso, com sua lábia e muitas juras de que mulher mesmo era Dona Flor, ao passo que as outras não passavam de divertimentos passageiros. Aos poucos o coração de Flor era vencido pela lábia do marido. Como de outras vezes, as juras de amor abrandavam o ódio, e lá se iam os dois para mais uma noite de amor, que Vadinho chamava de vadiação. A resistência de Flor era frágil. O desejo tornava-se mais forte que o rancor.

Agora, Vadinho está morto. Em seu quarto Flor já sentia saudade do homem que a fazia sofrer, mas que também sabia dar prazer. Assim, Vadinho continuava vivo no coração de Flor ao longo dos meses de reclusão por causa do luto. Seu coração oscilava entre o sofrimento e a saudade do marido malandro. Foram meses de luto em que Dona Flor sofria a desvantagem de ser viúva.

Mas na vila já corriam os boatos. As beatas e suas vizinhas estranhavam o período de reclusão de Flor. Vadinho não merecia tanto. Para as amigas e beatas, a morte de Vadinho representava uma carta de alforria e uma oportunidade de um novo casamento. Os fuxicos corriam frouxos, pois sabiam que o doutor Teodoro Madureira estava caidinho por Dona Flor. Ela não quis acreditar nas conversas das beatas e vizinhas. Todas torciam por Flor e pelo doutor Teodoro Madureira, farmacêutico famoso, dono da Drogaria Científica. Flor não se considerava à altura do farmacêutico, homem reservado, metódico, cheio de virtudes, sonho de outras mulheres que iam à sua farmácia levantar os vestidos para que o doutor aplicasse injeções. Sempre saíam frustradas, pois o doutor ficava restrito a seus deveres profissionais.

Ao dar os primeiros passos para fora de casa, Dona Flor começou a se interessar pelas conversas e fuxicos das vizinhas que faziam de tudo para que a amiga se interessasse pelo farmacêutico. E os encontros entre Flor e o doutor Madureira começaram a acontecer. Meses mais tarde, o casamento foi marcado. Tudo era extremamente planejado. Cada coisa no seu lugar e para cada situação a sua hora. Nada de sobressaltos como no tempo de Vadinho. Nada de surpresas. Depois do casamento, cinema uma vez por semana, ensaios rotineiros do marido que tocava fagote, matinês longe de ambientes com jovens barulhentos. Sexo às quartas-feiras e aos sábados, com raras exceções noutro dia. Flor se sentia segura e orgulhosa do marido, que em nada se parecia com Vadinho.

Mas a rotina foi interrompida por desejos de Flor e pela volta do morto-vivo, pois a morte simbólica e ritual não corresponde à morte física. Vadinho voltou para casa. Ele não mudara em nada. Flor tentou resistir, no início, às investidas eróticas do defunto vivo, pois era mulher honrada e de um homem só. Agora, ela estava com os dois dentro de casa. Só ela via e conversava com Vadinho. Para o farmacêutico, ele não aparecia. Vadinho ria do doutor e Flor o defendia. Vadinho sabia que o seu retorno acontecia porque Flor o desejava.

O tempo passava e Vadinho fazia as suas aparições. Flor sentia-se dividida e ao mesmo tempo se tornava a mediadora de mundos opostos. Viveu um tempo nessa ambigüidade, até que pediu para a sua amiga ajudá-la porque começara a sentir-se cínica como Vadinho. A pedido de Flor, sua amiga, Dionísia de Oxóssi, buscou auxílio em Pai Didi. Era preciso fazer uma obrigação, com um sacrifício de sangue, para que Vadinho voltasse para o seu lugar. E o sacrifício se realizou. O sangue foi derramado. Depois disto, Vadinho foi perdendo a sua materialidade e enfraquecendo. Pediu a ajuda de Flor para que pudesse ficar, mas o ritual já fora feito. Os orixás, numa guerra espiritual, amarraram Exu, o padrinho de Vadinho.

Mesmo com Flor arrependida e não sabendo como viver sem Vadinho, o defunto foi sofrendo a sua morte simbólica através de rituais afro-brasileiros. Vadinho não tinha mais força. Foi embora. “Na hora derradeira, quando Exu já rolava pelo monte e um poeta compunha o epitáfio de Vadinho, uma fogueira se acendeu na terra e o povo queimou o tempo da mentira.”⁶

Para que não nos delonguemos nesta trama entre Flor e seus dois maridos, segue-se o desfecho do romance:

E aqui se dá por finda a história de dona Flor e de seus dois maridos, descrita em seus detalhes e em seus mistérios, clara e obscura como a vida. Tudo isso aconteceu, acredite quem quiser. Passou-se na Bahia, onde essas e outras mágicas sucedem sem a ninguém causar espanto. Se duvidem, perguntem a Cardoso e S.a, e ele lhes dirá se é ou não verdade. Podem encontrá-lo no planeta Marte ou em qualquer esquina pobre da cidade.⁷

Parafraseando este parágrafo final da obra de Jorge Amado, diria, com uma pitada de ironia, que se duvidarem desta história, perguntem a muitos dos evangélicos luteranos se ela é verdadeira ou não. Estórias como esta povoam os subterrâneos de nossas comunidades urbanas e estão em cada esquina, fora de nossos templos, mas dentro da vida de muita gente, bem como em terreiros, centros espíritas, templos pentecostais e neopentecostais onde os pastores lutam contra as forças do mal, pois ele, em forma de demônios, se faz presente nas igrejas. Assim como no romance, também hoje ouvimos comentários de que maus espíritos estão presentes em alguns templos da IECLB e de outras igrejas-irmãs. Eles assumem um rosto religioso, ludibriando, assim, lideranças pastorais. E, iludidas, coam mosquitos e deixam passar camelos.

A morte não mata

Com esta síntese da obra de Jorge Amado não se pretende tematizar características do feminino, mas realçar as relações entre o mundo dos vivos e o dos mortos, bem como destacar a confluência das oposições do personagem Dona Flor, que reflete a síntese dos opostos. Estamos interessados, isto sim, em perceber como o mundo dos mortos é percebido pelas crenças que povoam o nosso cotidiano e seu subterrâneo e como a morte é entendida numa sociedade profundamente marcada pelas relações pessoais. Por esta razão Dona Flor deixa de ser uma mulher de carne e osso, passando a ser tratada como metáfora e símbolo.

Olhando para as relações entre as pessoas e os múltiplos mundos que são mediados por Dona Flor, facilmente perceberemos que não se trata do mundo coerente e unitário do protestantismo, conforme a tipologia de Weber em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*⁸. Deduz-se da interpretação de Max Weber que no mundo protestante há uma unidade de comportamento em todas as esferas da vida e uma total incapacidade do ser humano poder influenciar, pela magia, a

sua salvação. O ser humano está só no mundo e diante de Deus, sem possibilidade de influir sobre os que partiram para o outro mundo. Além disso, o mundo da fé e o mundo secular se confundiram no exercício secular da profissão. Por isto, o puritanismo rejeitava qualquer sinal externo de manifestação. A Reforma aboliu os meios mágicos de obter a graça, tendo como consequência a impossibilidade de comunicação entre os mundos. Também os meios mágicos para influenciar o outro mundo caem por terra⁹. Evidente que a tipologia de Weber parece ser um recurso teórico que pouco nos ajuda para entender as eternas discussões de lideranças leigas da IECLB sobre cemitérios e proibições cada vez mais frágeis a respeito de certas práticas religiosas. A proibição de acender velas junto aos túmulos denuncia a fragilidade da proibição. Mas aqui não é lugar para estas avaliações.

Interessa-nos, isto sim, a tese de Damatta segundo a qual os mortos constituem a questão central nas sociedades pré-modernas ou tradicionais, onde predominam teias de relações que impedem a emergência do individualismo. Para este antropólogo a morte se torna um problema apenas nas sociedades onde o indivíduo prevalece socialmente sobre o todo¹⁰. Depreende-se, portanto, que se na sociedade moderna, individualista e protestante a morte é vista como um problema a ser enfrentado pela pessoa, sem a possibilidade de qualquer influência sobre o “outro mundo” ou da interferência deste na vida dos enlutados, nas sociedades relacionais a morte física não coincide com a morte simbólica e ritual. Antes e depois de seu enterro, Vadinho continua o mesmo, e o desejo de Flor o traz de volta.

Para exemplificar a tese de Damatta trago-lhes alguns dados que refletem mudanças na forma como se lida, hoje, com o período que antecede a morte de uma pessoa e o seu velório. Em comunidades da IECLB ainda existem resíduos de um tempo em que se morria em casa, cercado de parentes com os quais o moribundo tomava a Santa Ceia antes de sua partida. O velório, por sua vez, acontecia na casa, para onde acorriam todos os parentes e amigos do morto. Nas longas madrugadas ao lado do morto tinha-se dificuldade de distinguir velório de roda de piadas. Mesmo num contexto protestante (evangélico luterano), havia um mundo de relações motivadas pela morte e pelo velório. Nas últimas décadas isto vem mudando rapidamente. Na maioria das vezes se morre num hospital, longe de casa e, portanto, do convívio, e o velório ocorre em capelas preparadas para este fim. Assim, a morte e o velório urbanos rompem com as regras de uma sociedade onde os mortos ainda estão presos a uma teia de relação.

Noutra ocasião devíamos analisar com mais vagar, a partir de dados, que impacto essas mudanças estão causando na vida das pessoas. Além disso, pergunto se a busca de respostas em centros espíritas e terreiros de umbanda, no caso dos enlutados, não está relacionada também com o novo modo de lidar com a morte e com os novos procedimentos de velórios. O morrer e o velório ocorrem fora da casa como um mundo de relações, por imposição da sociedade que não pode perder tempo com nada. Lembramos que em sociedades “primitivas” os ritos funerários são extremamente complexos e demorados¹¹. Inclusive existe, em certas

tribos, a prática de sepultar o morto no pátio da casa em que viveu, destacando, assim, a sua continuidade naquele meio.

Após este excursão, voltamos ao romance de Jorge Amado, no qual se reflete o contexto da sociedade relacional, que nos faz “entender por que no Brasil a morte mata, mas os mortos não morrem”¹². Tanto o romance quanto a análise do mesmo feita por Roberto Damatta¹³ nos suscitam indagações a respeito dos encontros e desencontros entre o discurso teológico da Igreja e os discursos dos membros das comunidades sobre morte, ressurreição e imortalidade. Esta hipótese pode ser amparada por breves depoimentos que o *Jornal Evangélico*¹⁴ destacou de um relatório de um pastor distrital. Vejam a ponta do *iceberg* nas palavras dos próprios membros da Igreja: “Agora eles só batizam quem vai na Igreja. Estão inventando moda.” (Uma mãe.) “Um cristão não precisa acreditar na ressurreição.” (Um membro de Comunidade.)

2. Relatos de casos

Os casos que se seguem foram coletados de formas distintas. O primeiro foi surgindo a partir de comentários de mulheres evangélicas luteranas que davam apoio a Dona Wanise após a perda do seu marido. Só num segundo momento, quase dois anos após a morte de Alberto, que ocorreu a entrevista. Quanto ao segundo caso, houve participação direta do pesquisador enquanto pastor dessa Comunidade Evangélica Luterana de um dos municípios da Grande Porto Alegre. Usam-se pseudônimos para evitar possíveis constrangimentos.

2.1. Mulher “naturalista”

Depois de três décadas o casamento se dissolve pela morte do marido, que estava aposentado desde aproximadamente 1990. Como não conseguia viver sem ocupação, ele auxiliava o filho do meio na oficina mecânica, que ajudara a levantar para encaminhar a vida do filho. De repente, caiu de cama, surpreendendo toda a família. Como era uma pessoa muito fechada, se automedicava e, quando a tosse apertava, apelava para o chá caseiro. Preocupada com a situação do marido, Dona Wanise insistiu em levá-lo para o hospital, que fica perto de sua casa. Mas ele foi agüentando até o momento em que não pôde mais trabalhar, pois estava fazendo arrumações em sua casa. Isto nos mostra que a impossibilidade de trabalhar indica o momento de buscar recursos na medicina.

Como o hospital municipal fora fechado por não corresponder às normas dos organismos estaduais, os filhos levaram o pai para Porto Alegre. Segundo Dona Wanise, no hospital em Porto Alegre, com falta de leitos, demoraram em diagnosticar a doença de seu marido. Depois de conseguir leito, levaram um bom tempo para o diagnóstico. Nesse meio tempo, angustiados com o desleixo dos médicos,

procuraram pessoas de influência para trocar de hospital. Isto aconteceu. Noutra hospital, ocorreu rapidamente o diagnóstico, mas Alberto entrou em estado de coma. Foi diagnosticada pneumonia dupla. Em dois dias Alberto morreu.

Alberto era católico, de origem polonesa, mas criado numa região de teuto-brasileiros do Vale do Rio dos Sinos. Acompanhava a esposa em chás da OASE¹⁵ e a um ou outro culto. Os filhos não optaram pela IECLB, embora um tenha batizado seus filhos na Comunidade Evangélica Luterana por insistência da mãe, mas nunca participou. Em relação à encomendação, correu a notícia na Comunidade de que seria ecumênica, fato que o pastor achou estranho. Três horas antes do sepultamento, os filhos conversaram com o pastor e confirmaram o que a família decidira a respeito da encomendação. O padre faria a encomendação num determinado horário, depois seguir-se-ia o pastor. Assim aconteceu, num final de tarde de agosto, numa capela do cemitério municipal. Enquanto o padre carismático saía, o pastor chegava. E, da capela ao lado, ouvia-se a pregação de um pastor pentecostal, chamando os parentes e amigos de uma jovem mãe para a conversão, porque haveria uma luta nos céus no tempo final, e quem não estivesse do lado de Jesus seria condenado. Nenhuma palavra de consolo às crianças que pranteavam a morte da mãe. Só ameaças aos descrentes para que se decidissem por Jesus.

Depois de alguns dias da morte de Alberto, o pastor e um grupo de mulheres da OASE fizeram uma visita à viúva. O ambiente estava pesado. As acusações contra os médicos e hospitais foram tema da conversa. A família, desconsolada, aventava a possibilidade de processar o hospital. Alguém devia ser responsabilizado pela morte. Elegeram o hospital e os médicos como os únicos culpados pelo fim da vida do marido, pai e avô. A conversa também girou em torno do desespero da viúva, que estava encontrando muitas dificuldades para encaminhar todos os papéis referentes ao INSS. Ainda pouco se falou do morto. Só das conseqüências da morte. Depois do chá, as mulheres e o pastor fizeram um círculo para orar. Cantou-se o hino “Jesus Cristo é o Senhor” e todas se despediram.

Meses mais tarde o pastor fez nova visita. Dona Wanise repetiu toda a história dos dias que antecederam a morte do marido e continuou com a acusação contra os médicos. Algumas senhoras da OASE continuaram em contato com a viúva, especialmente as mulheres com mais tempo de viuvez.

Tempos depois o pastor deixou a Comunidade, mas continuou sendo informado sobre a situação por algumas pessoas da Comunidade. Dona Inês, que já havia participado de sessões espíritas depois da morte de seu marido, fez seguidos convites para que Wanise saísse de casa a fim de participar das atividades da Comunidade. Como as viúvas se aproximaram uma da outra, o pastor ficou sabendo, por meio de Dona Inês, que Wanise estava procurando apoio num centro espírita ou terreiro de umbanda. Na versão de Dona Inês, isto estava acontecendo porque o morto tinha aparecido para ela e os seus filhos, tanto na casa como na oficina. A viúva, ao contrário de Dona Flor, parece que queria sossego. Então, pediu ajuda para que o morto a deixasse em paz e ficasse no seu lugar. Este fato

foi comentado por outras mulheres da Comunidade, próximas à viúva. Jamais chegou aos ouvidos do pastor pela boca da viúva. Na verdade, fatos como este chegavam aos ouvidos do pastor por intermédio de outras pessoas. Parece que havia várias redes na Comunidade, criadas pela origem de um grupo de pessoas de um determinado lugar, pelos laços de parentesco e pelos diversos grupos da Comunidade. Por meio destas redes o pastor ficava sabendo do que estava acontecendo na vida dos fiéis. Registra-se, pois, este fato de que a relação entre pastor e membros acontecia por intermédio de uma pessoa amiga da que estava doente ou passando por alguma dificuldade. Parece-me que isto revela a dificuldade de um contato direto entre o fiel e o clérigo. Este é um dado importante que merece ser pesquisado.

Como Wanise resistia aos convites para participar do grupo da OASE, Dona Inês convidou a viúva para o estudo bíblico, do qual participam seis mulheres e dois jovens, sendo a maioria delas pessoas que passaram pela viuvez. O novo pastor dirige os estudos. O pastor que saíra participou de algumas reuniões inicialmente. Por conhecer melhor o grupo, o ex-pastor da Comunidade sugeriu o estudo do Livro de Rute (AT), que conta a história de três viúvas. Dona Wanise apareceu nos estudos bíblicos. Conversava muito. Qualquer versículo abria a possibilidade de falar de seu passado, de seu sofrimento e do sonho de começar nova vida. A partir de sua vivência, o texto bíblico se abriu e vice-versa. A conversa corria solta, pois todas passaram pela viuvez. É um grupo solidário, pois há uma experiência de vida em comum. Toda vez que Wanise volta ao grupo, novos detalhes do luto aparecem. Aos poucos ela deixa de enfatizar o passado para olhar para o futuro, com novas possibilidades. Assim, vai elaborando a idéia de que quer se ver livre do seu passado. Quer sepultar o passado sofrido com o marido, pois ele era fechado, preso em casa, trabalhador e violento em termos verbais. Também era ciumento. Ela só podia sair de casa com alguém da família e com hora determinada para a volta. Este passado estava presente, e dele Dona Wanise queria se libertar. Do passado sofrido que se estendia para o presente, Dona Wanise corria. Para resumir, um dia ela deu o seu grito de independência no grupo de estudo bíblico: “Quero sepultar o passado assim como sepultei o marido. Viúvo é ele, não eu.”

Em nenhum momento, no estudo bíblico, ela deixou transparecer que estava participando de cultos espíritas ou afro-brasileiros para se livrar do fantasma do marido, que, na verdade, era o passado sofrido que não queria ir embora com a morte física. Ela precisava sepultar o passado e se soltar para a vida.

Recentemente o pastor “antigo” visitou Dona Wanise. Por telefone, confirmou o que outras senhoras já haviam dito: Dona Wanise está de namorado. Arranjou o namorado em bailes para a terceira idade que ocorrem numa sociedade em São Leopoldo, na parte da tarde. Através de um contato telefônico, Dona Wanise aceitou alegremente a visita que, na prática, seria uma entrevista também. Ela a aceitou com grande alegria.

A visita ocorreu na hora combinada. O pastor foi recebido de forma diferente de outros tempos. Wanise era só sorrisos. Deu três beijinhos e um forte e afetuoso abraço. O pastor elogiou a pintura da casa. Alegremente disse que era ela que estava fazendo a pintura, após reformas feitas pelo cunhado. Levou-me para mostrar seu trabalho de pintura em alguns cômodos da casa, inclusive no seu quarto onde permanecia a cama de casal.

Fomos para uma nova sala, antigo quarto. Enquanto ela requeitava a água do chimarrão, o pastor/pesquisador olhava alguns quadros e cartazes na nova sala. Tudo estava diferente na casa, pois a vida mudara. Via na parede, em forma de quadro, um cartaz. Era um horóscopo. O pastor fitou o olhar no quadro, que dava as características do signo de Dona Wanise. Da cozinha ela disse: “Pastor, eu acho horóscopo bobagem, mas a gente tem que ter um pouquinho de superstição. Quem não tem!” Como os caracteres daquele signo mostravam os lados positivos e negativos, Dona Wanise apressou-se em dizer não concordava com tudo o que estava escrito ali. Na conversa mais tarde — e antecipo aqui —, ela voltou a falar de horóscopo. O pastor contestou dizendo que é pai de gêmeos, nascidos na mesma hora e no mesmo dia, e que são totalmente diferentes. Então ela titubeou e confirmou que o horóscopo explicava muita coisa da vida do marido: severo, carrancudo, introvertido e de linguagem verbal agressiva. “Conheço mais gente que nasceu em meados de julho, como meu marido, e que é de difícil convivência”, afirmou Wanise. O pastor contrapôs dizendo que o sol e a lua influenciam a natureza e que pessoas podem mudar através do evangelho. Mas ela mudou de assunto.

A conversa se estendeu por muito tempo, com muitos detalhes. Agora, a morte estava mais longe, mas os parentes do marido procuravam influenciar sua vida. As críticas de Dona Wanise tinha um novo alvo: os parentes do marido morto e, especialmente, o cunhado que espalhou a notícia de que Alberto havia morrido de AIDS. Isto calou fundo na imagem da viúva, que não queria mais conversa com ele. Mas as cunhadas ainda estavam presentes com seus comentários. “Vê se não coloca um homem para dentro de casa que vem tirar tudo o que o falecido construiu”, afirmara a cunhada. Dona Wanise ficava indignada com a ingerência dos familiares do morto em sua vida. Além do mais, tudo já fora dividido entre os três filhos, sendo que ela poderia usufruir legalmente de tudo até sua morte.

O pastor procurou nas entrelinhas descobrir se houve ou não aparições do morto e como a viúva lidou com elas. Então, ela afirmou que a cunhada havia sugerido a mudança dos móveis de seus lugares, porque parecia que o defunto estava em toda parte. Ela se negara a fazer estas alterações. O pastor/pesquisador insistiu, e ela respondeu que é “naturalista”. Com esta expressão queria demonstrar que se compreende como uma pessoa pouco dada às questões relativas ao sobrenatural. Mas afirmou que tivera dois sonhos com o marido. “Até”, disse ela, “queria que ele aparecesse. Mas só o vi em dois sonhos. De um eu me lembro. Ele chegou de viagem, muito alegre. Encontrou-me lavando roupa; tomou-me pela cintura e me trouxe para dentro de casa.” Lembrou que ele nunca agira desta

forma. Mas se surpreendeu ao entrar na casa conduzida pelo marido, pois, ao entrar na cozinha, percebeu que tudo estava diferente. Eram os mesmos móveis, mas todos em outros lugares. “Parecia que não era a minha casa”, arrematou.

Depois a conversa se desenrolou sobre o namorado, que também é viúvo. Falou que estavam pensando em viver juntos a partir do fim deste ano (1997). Ele se parece mais com Teodoro Madureira, segundo marido de Dona Flor. “Por enquanto está dando tudo certo. Estamos nos conhecendo. Pretendo trazê-lo para minha casa.” Deu mais detalhes. “Ele não é da nossa raça.” Falou isto porque antes tinha criticado uma nora que é “*ploa*”, expressão usada para expressar preconceito contra os negros. Então procura desconversar porque o namorado é luso-brasileiro, perto dos “*ploa*”. Pouco antes havia criticado a “raça” do marido morto. Lamentou, após um atrito com um filho, que ele tem sangue ruim nas veias. Se pudesse, teria feito uma transfusão para tirar o sangue do marido nos filhos. Ao falar nisto, começou a chorar.

Voltou a falar, feliz, sobre o namorado. Fez planos e comparações. Seguidamente pediu a opinião do pastor/pesquisador. “O pastor é um homem de estudo, e eu não sei muita coisa.” Isto ocorreu várias vezes na conversa, o que mostra como as pessoas se comportam e falam diante do pastor, autoridade eclesiástica reconhecida, também por ela. No entanto, quando perguntava ao pastor, na verdade já sabia a resposta e queria a sua confirmação para posições já tomadas. Com o marido sempre fora diferente. Não havia diálogo. Tudo acontecia num ritmo determinado por ele. Agora, ela precisava decidir. E já decidira. Queria apenas a confirmação de sua decisão.

Depois de muitas cuias de chimarrão, o pastor encaminhou o fim da visita. Então ela disse, aliviada, que fora muito boa a conversa. “Pude desabafar, e isto é bom. É a primeira vez que conto para um homem” — referindo-se ao pastor — “a minha vida. Só falei dela em detalhes para a tia Glaci, pessoa ativa na OASE.” De fato, ora Dona Wanise falava para o pastor, noutro momento deixava o título e mencionava o seu nome, mas também usava o nome precedido do título. Os papéis se confundiam e se distanciavam. Quando mencionava o título, criava-se certa distância. No momento em que só mencionava o nome, havia proximidade. Noutro momento, a pessoa e o papel se confundiam. Desta forma, contou aspectos de sua vida a um homem. E a conversa transcorreu daquela maneira e com aquele conteúdo, com os segredos sendo revelados, porque o homem desempenhava o papel de pastor. Sempre me encantei com o trocadilho — segredo sagrado. Para o sagrado não há segredo; apenas o segredo da prática de outros sagrados, subterrâneos.

A conversa finalizou com outro abraço e com ela dizendo que queria uma bênção do pastor quando comessem a viver juntos, mas não na igreja, porque sempre há muito fuxico. O pastor sugeriu que ela assumisse isso publicamente. Houve, então, um momento de indefinição. Em casa ou na igreja? Em espaço privado ou público? A viúva ainda estava entre os dois mundos como uma mediadora. O marido já se fora, e outro vinha. Passado de dor e de brigas e futuro

sonhado com alegrias. No meio, uma bênção como rito que ajudaria a enfrentar junto ao público uma nova condição. “E ele vai morar comigo, no mesmo quarto. A não ser a cor, tudo ficará disposto como antes.”

Não pretendo fazer uma exegese deste texto sobre a morte de Seu Alberto, a viuvez de Dona Wanise e a entrada de um “*ploa*” na vida da viúva. Cada um poderá fazê-lo do ponto de vista que lhe convier. Apenas pretende-se registrar que a “nossa” Dona Flor dos pampas gaúchos não tem em seu passado ou seu futuro um Vadinho. O marido morto tem algo do doutor Teodoro Madureira, sem, é claro, a violência verbal do personagem metódico de Jorge Amado. O namorado também se parece com o farmacêutico do romance, sem a fama de ser um homem “estudado”. Enfim, Flor está florindo, mesmo que continue mediadora entre o que foi e o que vem, o passado conhecido e o futuro desconhecido, que pretende ser uma negação do que se foi. Isto na sua casa. Agora, senhora da vida, sugere ao namorado que deixe a sua casa e o filho, se junte a ela em seu próprio lar, com a bênção da Igreja, num espaço, repito, talvez privado, porque no subterrâneo da vida há coisas que ainda permanecerão, e sobre as quais não falará para ninguém. Busca, num outro sagrado, descobrir os segredos, mas não se esquece de sua comunidade étnica da qual espera uma bênção e ritos.

2.2. Empresa racional e aparições

Entre os municípios de Sapucaia do Sul e Esteio há uma empresa especializada na fabricação de câmaras frigoríficas, que se destinam tanto para o mercado interno quanto para o externo. Esta empresa veio do interior do Rio Grande do Sul há aproximadamente 30 anos e trouxe, além da família do empresário, funcionários que nela trabalham até hoje. Aqui ela se desenvolveu muito, tornando-se uma grande empresa com tecnologia de Primeiro Mundo. Por causa de sua origem, há muitos evangélicos luteranos trabalhando nela. Grande parte deles participa das comunidades de Sapucaia do Sul e de Esteio. Alguns deles são bem ativos em presbitérios. São membros tradicionais; portanto, fiéis à sua Igreja.

Há mais ou menos 10 anos atrás, o casal fundador da empresa morreu num acidente. Naquela época aconteceram outros acidentes de trabalho com operários e algumas mortes. Na linguagem popular, bateu a urucubaca na empresa. Aos poucos os operários começaram a ouvir barulhos estranhos durante a noite. “Fantasmas caminhavam pela empresa, máquinas disparavam sozinhas, batidas de martelos eram ouvidas e outras coisas extraordinárias aconteciam.” Desta forma, o medo foi tomando conta de funcionários. Para se verem livres de tantos acontecimentos ruins, alguém sugeriu a celebração de um ato religioso como forma de expulsar a “maldição”. E assim sucedeu. Após o culto ecumênico a empresa estava “exorcizada”, e tudo voltou ao normal: muita produtividade sob o comando impiedoso dos encarregados.

Depois dessa celebração outros cultos aconteceram, mas no último dia de trabalho antes do Natal, ao final do expediente. O ato religioso ecumênico virou “tradição”. Tudo acontece da mesma forma. De todos os setores vêm homens e mulheres para o saguão da empresa. Aglomeram-se em frente a uma câmara frigorífica, sobre a qual ficam o pastor e o padre. A celebração tem a duração de meia hora. Após a invocação da Trindade canta-se um hino. Segue-se com a leitura de um salmo em responsório. São feitas leituras bíblicas, seguidas de breves mensagens do padre e do pastor. Então vêm a oração de intercessão, o Pai-Nosso e a bênção. Canta-se, por fim, Noite Feliz. Depois do hino, o dono da empresa agradece aos oficiantes, diz algumas palavras sobre o ano que está próximo do fim e agradece aos funcionários. Enquanto os funcionários, aproximadamente 600, fazem filas para tomar suas sacolas de Natal, doadas pela empresa, o dono despede-se do padre e do pastor, bem como os executivos da empresa. Padre e pastor são acompanhados pelo responsável do setor de pessoal, sendo que cada um também recebe uma sacola de Natal. Não precisam entrar na fila.

Depois de muitos anos co-celebrando na véspera do Natal, no culto mais concorrido para o pastor, o mesmo começou a sondar entre os operários e supervisores evangélicos luteranos se a celebração era uma imposição do dono da empresa ou vinha da vontade dos funcionários. Todos afirmaram que eram os funcionários que queriam a celebração. Então, o pastor ficou mais tranquilo.

Comentando essa preocupação num jantar de bodas de prata onde havia muitos funcionários da referida empresa, um supervisor católico abordou o pastor: “Pastor, neste ano o senhor tem que enfrentar com sua prédica um ex-delegado que está intimidando todo o mundo lá dentro. Ele foi colocado pela empresa para reprimir e demitir. O senhor tem que dizer uma palavra neste sentido, pois todos estamos com medo.”

Depois dessa janta o pastor foi para casa e disse para si: talvez seja este o último culto que será celebrado por um pastor naquela empresa. Como faltavam dois meses para o Natal, fui confirmar o caso com outras pessoas. E todas falaram da situação de pânico na empresa. Pairavam ameaças no ar. O pastor deixou o tempo passar para ver se vinha uma idéia que fosse ao mesmo tempo um apoio para os funcionários e uma crítica à empresa, sem, é evidente, fechar aquela porta que oportunizava a pregação evangélica para um grande público fora dos espaços eclesiais. Na medida em que o Natal se aproximava, crescia a pressão dos operários contra o ex-delegado, bem como o medo do pastor por ter que enfrentar aquela situação.

Dois dias antes da véspera do Natal, o pastor começou a se preparar para a celebração ecumênica, e profética, desta vez. Foi lendo os relatos da gravidez de Maria e do nascimento de Jesus. De repente, a palavra “medo” começou a ganhar realce nos textos. José ficou com medo de assumir sua noiva grávida; os pastores ficaram com medo quando os anjos deram a notícia do nascimento do Salvador; à Maria também o anjo disse: “Não tenhas medo”, e, por fim, Herodes também

demonstrou medo em relação ao rei menino. Portanto, “medo” era a palavra-chave. Só podia ser assim, pois quem estava com muito medo era o pastor.

No dia da celebração, o pastor começou a sua mensagem recontando detalhadamente trechos dos textos do nascimento de Jesus onde aparecia a palavra “medo”. E sempre acrescentava: “O anjo disse: ‘Não tenhas medo’.” Logo, a proximidade de Deus lança fora todo o medo. Por que ter medo do padre ou do pastor? Por que filhas e filhos têm medo das mães e dos pais? Por que ter medo do governo? Enfim, por que ter medo do patrão? Neste momento, o pastor olhou para o empresário e viu que este baixou a cabeça. O Natal joga fora o medo, e no lugar dele coloca a alegria e o respeito. “Não tenham medo, apenas respeito”, arrematou o pastor.

Estas palavras calaram fundo no coração das pessoas. Quando encontrava alguém daquela empresa na rua ou em outro lugar, sempre era lembrada a homilia sobre o medo. Quer dizer, a prática do culto nasceu por causa do medo dos mortos que voltavam para a empresa, e o medo do pastor se confundiu com o medo dos /as funcionários/as. Enfim, todos com medo. Isto possibilitou a comunicação e o mundo subterrâneo foi iluminado pela pregação de pessoas legitimamente constituídas e reconhecidas por todos. Diferentemente do exemplo anterior, neste, o mundo subterrâneo veio à luz e dissipou o medo.

Por esta razão, precisamos dialogar com os subterrâneos, com o medo, com os sonhos e com tudo aquilo que está submerso e assume ar de clandestinidade. Como disse Dona Inês, líder da OASE: “Pastor, se no culto há 40 pessoas, dali sairão 40 prédicas.” E acrescentou, referindo-se às pessoas como Dona Wanise que freqüenta um culto de umbanda: “Ela busca entender os mistérios.” De fato, homens e mulheres de um tempo de tanto medo e exclusão, de falta de esperança e de perspectiva de vida, buscam nos mistérios, nos milagres e na magia¹⁶ respostas para tantas perguntas, que não raras vezes as ciências humanas e a teologia jogaram para o baú da história, para o clandestino a ser superado pela evolução técnica, científica e pelo progresso social. Portanto, aquilo que fora desconsiderado como superstição, fantasia ou mito por uma leitura iluminista do protestantismo e de outros ramos do pensamento, veio a se tornar a pedra angular de imensas parcelas da população, mesmo quando lidam com tecnologias avançadas.

Até aqui expusemos dois casos para falar do subterrâneo religioso da vida eclesial. Poderíamos explorar muitos outros. Não seria difícil apelar para a memória e para as anotações feitas durante dez anos de atividade pastoral e sacar tantos outros exemplos em que o sonho com os parentes falecidos exigiu novas orações em memória nos cultos, por ocasião do dia da morte, dez ou 15 anos após o falecimento de alguém. Não seria difícil contar para vocês quantas e quantas vezes mães preocupadíssimas com a dor de barriga de suas crianças e também com o destino delas testemunharam em visitas que o Batismo resolveu todos os problemas. Também poderíamos discorrer um bom tempo sobre as pessoas que recorre-

ram a médiuns no Ceará ou em Brasília para se curarem de câncer. Como os casos eram conhecidos pelo acompanhamento pastoral, não temo dizer que, no final, o sepultamento ocorreu sempre segundo a ordem eclesiástica, como manda a tradição.

Também gostaria de discorrer sobre os momentos festivos da Comunidade nos quais pessoas fechadas e com medo de um testemunho público da fé arrancam, 30 anos depois, o versículo da confirmação para convencer alguém a ser presidente da Comunidade. Não faltam os depoimentos reservados de homens que, após a morte de um filho ou uma filha, lembram de um trecho de uma prédica ou de um versículo de consolo. Estes e tantos outros exemplos nos mostram que no subterrâneo a voz oficial da religião também se faz presente. Na clandestinidade da vida, a graça faz seus passeios. Também gostaria de descrever detalhadamente o caso da mulher que, na calada da noite, visitava terreiros e no domingo, os cultos da Comunidade. Seu engajamento na pastoral popular e nos trabalhos de farmácia caseira deu-lhe fortes convicções para empenhar a sua vida no movimento popular, no qual não teme dizer que é evangélica luterana. Entretanto, como não somos bons “marketeiros”, tais testemunhos ficam na penumbra da vida, no testemunho cotidiano, pouco visível porque não dá lucro para ninguém. Nem pode ser computado como mais uma conversão, porque é mais do que isto.

Enfim, “estes ‘saber-fazer’, ‘saber-dizer’ e ‘saber-viver’, todos de tão diversas e múltiplas implicações, constituem um dado cuja riqueza a fenomenologia tem, com inteira justiça, posto em destaque”¹⁷.

3. Perspectivas impertinentes

Depois dessas tentativas de levantar alguns aspectos do “subterrâneo religioso” da vida eclesial a partir de uma breve descrição de “casos”, algumas pistas teóricas deverão ser realçadas na perspectiva de quem se ocupa com a formação de pastores e pastoras, futuros eruditos da religião, destacados da massa de fiéis para cumprir a função de pregador/a e cura d’almas. Lanço mão da sociologia da religião para lograr este intento, mesmo sabendo dos limites das categorias que utilizarei para traçar algumas pistas teóricas. Tem-se consciência de que há muitos outros pontos de vista através dos quais se podem avaliar os casos descritos acima. Estudiosos de outras áreas das ciências ou de outros ramos da teologia poderão fazer outras leituras e apontar perspectivas distintas das minhas. Neste horizonte, teço algumas considerações sobre a idéia de campo religioso que Bourdieu construiu a partir da teoria da religião de Weber, mesmo sabendo que o religioso ou o sagrado sempre transcendem qualquer tentativa de lhes colocar fronteiras. Por sua “natureza”, o religioso ou o sagrado constituem-se como fala dos abismos ou do indizível.

Foi mérito do sociólogo alemão Max Weber¹⁸, um clássico da sociologia da religião, colocar em destaque a idéia de que a formação de um clero erudito, como

corpo destacado da massa, racionaliza a religião de tal forma que faz surgir vários personagens concorrentes no campo religioso e uma massa de fiéis desapropriados do capital religioso. Em outras palavras, a constituição de um corpo de especialistas ocorre quando se aprofunda o processo de institucionalização de um movimento inicialmente “carismático”. Weber não está sozinho nesta tese. Com algumas variações teóricas e de estilo lembramos a contribuição do fundador do Partido Comunista Italiano, Antonio Gramsci, silenciado nas prisões de Mussolini e ignorado hoje pelos defensores do mercado total. Ao analisar a Igreja Católica da Itália e o próprio catolicismo, conclui que sob a mesma instituição há formas distintas de catolicismo.

Toda religião, inclusive a católica (...), é na realidade uma multidão de religiões distintas, freqüentemente contraditórias: há um catolicismo de camponeses, um catolicismo dos pequenos-burgueses e dos operários urbanos, um catolicismo das mulheres e um catolicismo dos intelectuais, também este variado e desconexo.¹⁹

Parece-nos que não se constituiria num empreendimento intelectual de grande envergadura sustentar que em grau menor a análise de Gramsci poderia, com algumas variações de contexto, ser estendida para a IECLB ou outra Igreja. Como não se trata de aprofundar tal questão que acena para a falta de unidade na pluralidade, mas apenas de realçá-la, voltemos à teoria da religião de Weber, conforme a compreensão do sociólogo francês Pierre Bourdieu:

Enquanto resultado da monopolização da gestão dos bens de salvação por um corpo de especialistas religiosos, socialmente reconhecidos como detentores exclusivos da competência específica necessária à produção ou à reprodução de um “corpus” deliberadamente organizado de conhecimentos secretos (e portanto raros), a constituição de um campo religioso acompanhava a desapropriação objetiva daqueles que são excluídos e que se transformam por esta razão em leigos (...) destituídos do capital religioso (...) e reconhecendo a legitimidade desta desapropriação pelo simples fato de que a desconhecem enquanto tal.²⁰

Como podem ver, Bourdieu transporta do mundo da economia termos para falar dos mecanismos referentes ao campo simbólico-religioso e da lógica de poder entre os tipos de agentes destacados por Weber. Em outras palavras menos eruditas, Weber está dizendo que a formação de dois grupos distintos — clero e leigos — por via de regra se dá pela desapropriação por parte do clero do capital que inicialmente é de todos. Quer dizer, os leigos estão destituídos do capital religioso, não obstante legitimarem o discurso do clero e dele também divergirem, não por ignorância, mas porque dominam um outro código, distinto e distante daquele dos especialistas ou do corpo sacerdotal. Talvez esteja nesta tese weberiana uma das razões que impedem o avanço do tão propalado sacerdócio universal de todos os que crêem. E, diga-se de passagem, o mesmo processo ocorre nos movimentos políticos que vão assumindo um rosto institucional. A socialização do fazer política lentamente vai se deslocando para um corpo de especialistas. Foge-se disto ao

não se descolar das massas organizadas. No caso da religião institucional, poder-se-ia romper com os interesses religiosos do corpo de especialistas a partir da socialização do poder numa troca de saberes.

No entanto, pode se tornar muito trivial atribuir somente à divisão social do trabalho religioso a distância e a falta de elos entre aquilo que chamamos de subterrâneo religioso da massa dos leigos que não fazem parte do núcleo que sustenta a comunidade e o discurso do clero. Já aprendemos que os acontecimentos e fatos não se originam de uma causa só e que o campo religioso é muito mais do que simples reflexos dos conflitos sociais. Reconhecemos um pluralismo causal, da mesma forma que vemos o lado clandestino da vida na sua “natureza” polissêmica.

Em razão desta ressalva, não podemos concluir a nossa exposição sem antes lançar mais uns *flashes* teóricos sobre as possíveis causas da existência de uma prática religiosa que, de certa forma, alimenta-se do discurso oficial da Igreja e aceita a mesma como administradora dos ritos de passagem, mas não se satisfaz com a produção simbólico-religiosa do clero legítimo, buscando, assim, noutras fontes clandestinas o sentido da vida e respostas para os mistérios. Para lançar novas luzes sobre a discussão utilizo-me de análises críticas de sociólogos que não têm poupado críticas à própria sociologia. Refiro-me aqui, entre outros, à reflexão do francês Michel Maffesoli, o qual parte de temas marginalizados pela sociologia na busca de novas perspectivas. E apresso-me a dizer que suas críticas à sociologia podem ser estendidas para as ciências humanas e para a teologia.

Em seu livro *O conhecimento comum*, Maffesoli levanta perguntas importantes para a sua disciplina, pois parte da afirmação de que os sociólogos conhecem muito pouco da sociedade onde vivem²¹. Esta constatação o leva a se perguntar: “Sabemos ainda ouvir e interpretar o pensamento da praça pública?”²²

O pensamento da praça pública é caracterizado com muitas expressões afins: clandestinidade da existência²³, que é “fragmentada, polissêmica, feita de sombra e luz ou, numa só palavra, o que é cada vez mais admitido, obra de um homem, ao mesmo tempo *sapiens* e *demens*”²⁴. Conseqüentemente, a vida social é percebida cada vez mais como heterogênea, plural, complexa. Por isto, nenhuma perspectiva que se entende unidimensional será capaz de compreender as muitas dimensões do vivido²⁵, que é simultaneamente racional e passional. Por fim, na clandestinidade da existência ou no subterrâneo da vida social e religiosa, sob a fachada teológica do monoteísmo, percebemos um grande politeísmo. Para dialogar com a clandestinidade da vida, a razão como única dimensão parece pobre e fadada a leituras unilaterais. Logo, a empatia e o reconhecimento da pluralidade parecem ser condições mínimas para entabular um diálogo ainda em forma de balbúcio. Pois ainda vemos em espelho e de maneira confusa, mas, depois, veremos face a face. E o nosso conhecimento é limitado (1 Co 13.12-13). Em contrapartida, “somos salvos pela loucura da cruz” (Rm 1.21).

Provocação conclusiva

Iniciamos falando de Dona Flor e dos seus dois maridos, personagens de uma obra de Jorge Amado. Depois descrevemos dois casos para destacar aspectos daquilo que ousamos denominar de “subterrâneo religioso”. Por fim, aventuramos numa avaliação sociológica que desembocou timidamente numa fenomenologia do cotidiano. E agora nos perguntamos: o que o drama do romance tem a ver com o nosso fazer teológico? Ouso dizer que Dona Flor é símbolo e metáfora, e que à reflexão teológica cabe lidar com os dois “mundos”, assim como Dona Flor o fez, com sofrimento e prazer. Mas também Vadinho e Teodoro Madureira, de formas distintas, constituem-se em metáforas para uma reflexão teológica na perspectiva de caminhos ainda não caminhados para que a IECLB e outras igrejas protestantes históricas possam fincar suas raízes neste solo cheio de pecado e graça. Ninguém está sugerindo uma teologia “vadinhana” ou extremamente metódica como a vida do Dr. Teodoro Madureira, mas sim “floriana”, que lide simultaneamente com o racional e o mítico, o tradicional e o moderno, o existencial e o libertador, o oficial e o clandestino, sem esquecer das ambigüidades da vida tão bem presentes no religioso.

Bibliografia

- AMADO, Jorge. *Dona Flor e seus dois maridos*. São Paulo : Martins Fontes, s. d.
- BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo : Hucitec, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo : Perspectiva, 1982.
- BRANDÃO, Carlos R. *Os deuses do povo*. São Paulo : Brasiliense, 1988.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua : espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo : Brasiliense, 1985.
- GEERTZ, Clifford. *The Interpretation of Cultures*. New York : Basic Books, 1973.
- GENNEP, Arnold van. *Os ritos de passagem*. Petrópolis : Vozes, 1978.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1984.
- JUNIOR, T. de Queiroz. Dos mortos e sua volta. In: José de Souza MARTINS (Org.). *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo : Hucitec, 1983. p. 103-112.
- KERLINGER, Fred N. *Metodologia da pesquisa em ciências sociais*. São Paulo : EPU/EDUSP, s. d.
- LÉVI-STRAUS, Claude. *Tristes trópicos*. Lisboa : Edições 70, 1955 (só há a data de publicação em francês).
- MAFFESOLI, Michael. *O conhecimento comum*. São Paulo : Brasiliense, 1988.
- MADURO, Otto. *Mapas para a festa*. Petrópolis : Vozes, 1994.
- MORSE, Richard M. *O espelho de Próspero : culturas e idéias nas Américas*. São Paulo : Companhia das Letras, 1988.
- RÖLKE, Helmar R. *Descobrimos raízes*. Vitória : UFES/Secretaria de Produção e Difusão Cultural, 1996.
- STEIL, Carlos A. *O sertão das romarias*. Petrópolis : Vozes, 1996.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo : Pioneira/Editora da Universidade de Brasília, 1981.

—. *Economia e sociedade*. Brasília : Editora da Universidade de Brasília, 1981. vol. 1.

Notas

- 1 Otto MADURO, *Mapas para a festa*, p. 179.
- 2 ID., *ibid.*, p. 31.
- 3 Howard S. BECKER, *Métodos de pesquisa em ciências sociais*, p. 47.
- 4 Franco FERRAROTI, *A contribuição dos clássicos*, p. 17. Conforme Geertz, a busca de idéias analíticas em outras áreas do conhecimento pode romper com um capital conceptual que deixou a antropologia estagnada depois da Segunda Guerra Mundial. Na literatura podem-se buscar idéias para o avanço do capital conceptual: "Mas virtualmente ninguém sequer pensa em procurar idéias analíticas alhures — na filosofia, na história, no direito, na literatura, ou nas 'ciências mais duras' — como estas próprias procuraram" (Clifford GEERTZ, *The Interpretation of Cultures*, p. 77-78).
- 5 Jorge AMADO, *Dona Flor e seus dois maridos*, p. 21.
- 6 ID., *ibid.*, p. 532.
- 7 *Ibid.*, p. 535.
- 8 Cf. Roberto DAMATTA, *A casa e a rua*, p. 114-115.
- 9 Cf. Max WEBER, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, p. 72-73.
- 10 Cf. Roberto DAMATTA, *op. cit.*, p. 115.
- 11 Veja Arnold van GENNEP, *Os ritos de passagem*, p. 126-140. Sobre este assunto há uma detalhada descrição da despedida da pessoa morta conforme costumes pomeranos. Cf. Helmar H. RÖLKE, *Descobrimo raízes*, p. 78-84.
- 12 Roberto DAMATTA, *op. cit.*, p. 134.
- 13 Cf. ID., *ibid.*, p. 80-111.
- 14 *Jornal Evangélico*, 1ª quinzena de outubro, 1997, p. 12.
- 15 A Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE) é uma organização presente em quase todas as comunidades da IECLB, que envolve aproximadamente 30 mil mulheres em todo o Brasil.
- 16 Cf. Peter Berger, ap. Carlos Rodrigues BRANDÃO, *Os deuses do povo*, p. 142.
- 17 Michael MAFFESOLI, *O conhecimento comum*, p. 195.
- 18 Cf. Max WEBER, *Economia e sociedade*, p. 294-295.
- 19 Antonio GRAMSCI, *Concepção dialética da história*, p. 144.
- 20 Pierre BOURDIEU, *A economia das trocas simbólicas*, p. 39.
- 21 Cf. D. Bertaux, ap. Michael MAFFESOLI, *op. cit.*, p. 198.
- 22 Michael MAFFESOLI, *ibid.*, p. 195.
- 23 ID., *ibid.*
- 24 *Ibid.*, p. 203.
- 25 *Ibid.*, p. 218.

Oneide Bobsin
Escola Superior de Teologia
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo — RS